

O CINETEATRO MONTE LÍBANO E O COLÉGIO TÉCNICO AGRÍCOLA IDELFONSO
BASTOS BORGES EM BOM JESUS DO ITABAPOANA: RELACIONANDO OS
LUGARES A MEMÓRIA DA CIDADE.

EDUARDO MOREIRA¹

GABRIELA SANCHES DE FREITAS SILVA²

LUCAS COSTA CARNIELLO³

O estudo em questão se iniciou no ano de 2012, no momento em que o Instituto Federal Fluminense (IFF), localizado nas regiões Noroeste e Norte Fluminense, lançou edital de criação de centros de memórias em seus *campi* através da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão, com o objetivo de resguardar e desenvolver os estudos relativos à História Local.

Com a instituição do Centro de Memória⁴, em nosso campus, criamos um grupo de estudos de memória no município de Bom Jesus, como é comumente chamado. Desta forma, nos indagamos sobre questões relativas à memória dos moradores de Bom Jesus, relacionando-as a três projetos: memórias do Colégio Técnico Agrícola Idelfonso Bastos Borges (CTAIBB), atual Campus Bom Jesus do Instituto Federal Fluminense, criado como instituição de ensino vinculada à prefeitura em 1970; Memória e Identidade: Os Lugares de Memória de Bom Jesus do Itabapoana, demonstrando as relações afetivas dos moradores de Bom Jesus com locais que tiveram relevância cultural no passado da cidade, especificamente o Cineteatro Monte Líbano (local de encontro e festivais, aberto em 1950 e fechado em 1989), o Aeroclube Bom Jesus do Itabapoana (local de festas e bailes até a década de 1970), a comemoração católica pelo padroeiro do município conhecida como Festa de Agosto (comemoração feita com desfile pela rua central do município) e o Clube Olímpico, local de competições de futebol que abriu suas portas em 1914, e permaneceu como local de encontro de times e famílias de Bom Jesus e cidades vizinhas e que até hoje compete em campeonatos regionais; por último, projeto ligado ao desenvolvimento urbano e econômico do município,

¹ Professor do Instituto Federal Fluminense e Mestrando em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) e bolsista de extensão da CAPES.

² Estudante do 2º ano do ensino médio do Instituto Federal Fluminense no curso técnico integrado em agroindústria e bolsista de iniciação científica do programa da FAPERJ.

³ Estudante do 3º ano do ensino médio do Instituto Federal Fluminense no curso técnico integrado em agroindústria e bolsista de extensão do IFF.

⁴ O Centro de Memória IFF – Noroeste Fluminense conta hoje com a presença de três professores efetivos, um professor substituto, um servidor efetivo e nove estudantes, todos bolsistas, divididos em bolsas de pesquisa, extensão e de arte e cultura.

com a análise da ascensão e da decadência econômica de Bom Jesus, que ocorreu de forma concomitante à região em que se encontra, Noroeste Fluminense.

O Centro de Memória, em seus diferentes, (porém interconectados) projetos conjugam o estudo de locais considerados importantes na memória de moradores de Bom Jesus, buscamos resgatar um passado que tem poucas referências documentais escritas, mas que ainda hoje têm relevância na construção da identidade desta sociedade. Este passado se mantém vivo na memória de muitos moradores, que se remetem constantemente à riqueza das atividades culturais passadas e a locais que já foram referência regional, e que hoje se encontram ou fechados, ou sofreram transformações com a diminuição de suas atividades, ou mesmo com uma mudança institucional, como foi o caso do CTAIBB, hoje Campus Bom Jesus do IFF.

Neste sentido buscamos a partir de ações e reflexões educativas, compreender parte da memória local no município de Bom Jesus do Itabapoana (RJ), relacionando-a a importantes espaços de convívio social que representam uma rica História da cidade, como ferramenta conceitual e política para a valorização da diversidade sociocultural e da transformação da realidade local em que se insere o Campus Bom Jesus do Itabapoana, missão do Instituto Federal Fluminense.

Recuperar e salvaguardar estes espaços como marcos da memória bom-jesuense, significa valorizar a identidade do município, a partir da ligação das memórias de seus habitantes aos espaços que marcaram a vida social, política, cultural, educacional e econômica da cidade, manifestando ao mesmo tempo um importante valor simbólico individual, pois encontra-se vivo na memória dos mais antigos, e coletivo, por representar parte do patrimônio imaterial desta cidade e fonte para reconstrução da memória como aspecto público e político de seus representantes.

Os “lugares de memória”, refúgio e alimento para a transformação da lembrança individual em identidade partilhada.

Segundo Frochtengarten (2005) vivemos tempos de descontinuidade, onde os elementos da modernidade excluem de seu visor a memória e as lembranças, pois as consideram como símbolos de um mundo sem utilidade e improdutivo.

“elementos da realidade contemporânea vieram a imprimir uma lógica da descontinuidade sobre a experiência humana. Vivências de ruptura são marcas de um tempo em que os imperativos econômicos passaram a mediar mesmo as relações interpessoais, em que a globalização emergiu como ameaça às tradições, em que o cotidiano se acelerou de forma inaudita e em que a identidade dos homens mais se vinculou a suas façanhas pessoais.”(FROCHTENGARTEN, 2005: 371)

Este mundo, marcado pela descontinuidade e pela aceleração temporal produz o fenômeno do desenraizamento social (BOSI, 2003), da falta de percepção pelos sujeitos de sua participação num universo coletivo, relegando o próprio espaço de vivência à um plano inferior na significação, fazendo com que os traços e as marcas de nossa comunidade passem a não ter nenhum valor para as pessoas, sendo consideradas sobras de um passado que já deveria ter sido extinto. Este processo não é apenas preocupante pela sua desconsideração por uma memória que liga as pessoas a uma identidade partilhada, mas também pelo enfraquecimento da força política que o sentimento de pertencimento coletivo traz às sociedades em que ele ocorre, são circunstâncias que apagam as lembranças porque enfraquecem a importância dos apoios da memória espacial. A relação entre a tradicional urbanização orientada pelo capital enfraqueceu sobremaneira a ligação entre a memória social e a geografia dos lugares. Para Pierre Nora atualmente “os lugares de memória são antes de tudo restos.” (NORA, 1993:12)

A partir da compreensão da memória como um evento coletivo, podemos vê-la como um traço da própria sociedade que a abriga e os sujeitos que compõe este universo social, seus vínculos e seu sentimento de pertença a algo concreto, sólido, em outras palavras algo comum. O trabalho de reconstrução e de valorização do vivido é de suma importância, e contar com o suporte das lembranças é imprescindível, pois são elas que nos possibilitam a reconstrução do passado partilhado. “O passado permanece então em contínua reconstrução pela memória coletiva” (FROCHTENGARTEN, 2005:367).

Estas lembranças encontram guarida nas histórias dos mais velhos, nas crônicas e narrativas sobre o passado vivido, assim é nas memórias orais, de indivíduos partícipes de um universo social comum, que podemos reconstruir os fios rompidos dos laços sociais. “Porque representa uma forma de participação dos homens no domínio político, a memória oral levanta-se contra o isolamento humano.” (FROCHTENGARTEN, 2005:373).

Nem o passado, nem o presente, estão alheios aos seus narradores, sejam eles os velhos de nossa cidade, os jovens “criadores” de novas linguagens ou os professores interessados em investigar os lugares de memória. Tecer a teia que liga a memória de nossa comunidade para valorização da identidade local é colocar as narrações como ferramentas

políticas da própria comunidade, unindo às gerações para fortalecer os elos presentes e ampliar os horizontes futuros de nossa cidade. “A memória oral é fecunda quando exerce a função de intermediário cultural entre as gerações” (BOSI, 2003:73)

Mas em condições tão adversas e sob o domínio de uma visão de mundo que desvaloriza estes elementos vivemos sob o risco da impossibilidade de resgatar estas lembranças como forma de recompor o arcabouço coletivo da memória, neste sentido uma importante ferramenta conceitual são os “lugares de memória”, por ainda serem espaços onde a lembrança individual, resgatada pela narrativa oral encontra um apoio em rede dentro da comunidade para tecer a colcha de retalhos da memória coletiva. “Se o espaço é capaz de exprimir a condição do ser no mundo, a memória escolhe lugares privilegiados de onde retira sua seiva”. (BOSI, 2003:71)

Para Nora (1993) os “lugares de memória” são lugares concretos, manifestações, eventos onde as pessoas encontram suporte para reviver um passado comum e que ainda existem na cidade, como marcos para o reavivamento do sentimento de pertencimento coletivo, ou seja, como símbolos para a identidade local.

“A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução aberta a dialética da lembrança e do esquecimento (...) a memória é um fenômeno sempre atual um elo vivido num eterno presente, a memória se enraíza no concreto no espaço no gesto, na imagem, no objeto (...) Os lugares de memória são o refúgio de uma memória sob ameaça e por isso a importância de sua preservação”. (NORA, 1993:9)

Assim a antiga escola agrotécnica, o CTAIBB e o cineteatro Monte Líbano, são espaços de memória, pois guardam consigo esta capacidade de unir gerações numa narrativa, suas mudanças são as marcas de sua memória, é pelo que eles não são mais que nós podemos dizer o que eles foram, unindo passado e presente projeta-se o futuro. Com isso se constroem condições para a formação da identidade como ferramenta política. “Recuperar a dimensão humana do espaço é um problema político dos mais urgentes. A sobrevivência de um grupo liga-se estreitamente à morfologia da cidade.” (BOSI,2003:76)

“Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um Lugar de memória é o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para (...) prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e isto que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações.” (NORA, 1993:22)

Ações e discussão desenvolvidas

Como resultados preliminares, pois os projetos ainda se encontram em andamento, organizamos a exposição Memórias do CTAIBB/IFF Bom Jesus, que foi realizada no Espaço Cultural Luciano Bastos Borges, em Bom Jesus do Itabapoana, de 08 a 30 de agosto de 2013. A partir da inserção deste arcabouço teórico-metodológico foi produzido e apresentado o artigo intitulado: “Lugares de Memória de Bom Jesus do Itabapoana: a Recuperação do Patrimônio Imaterial do Município a Partir de Registros Orais e Visuais”; no X Encontro Regional Sudeste de História Oral na UNICAMP⁵, apresentamos, na II Mostra do conhecimento realizada no *campus* Bom Jesus do Itabapoana do IFF, o pôster intitulado: “Memória e Identidade Local: Os Lugares de Memória de Bom Jesus do Itabapoana”, onde recebemos a menção honrosa como o melhor trabalho dentro da categoria de educação.

Entre as atividades já desenvolvidas estão a participação dos estudantes em grupos de estudos e oficinas de manuseio de fontes históricas e de fotografias, de audiovisual e de metodologia de história oral; na construção de um blog para a divulgação dos projetos, que ainda está em fase de aprimoramento. No resgate da memória institucional do Colégio Agrícola Idelfonso Bastos Borges (CTAIBB) atual Instituto Federal Fluminense *campus* Bom Jesus do Itabapoana, projeto que se encontra mais adiantado, já foram desenvolvidas entrevistas com cinco servidores do colégio, que estão presentes na instituição a mais de 20 anos, e com um ex aluno formado na primeira turma da escola em 1973. Em relação ao Cineteatro Monte Líbano, a partir de entrevistas exploratórias, os estudantes estão levantando pessoas cuja memória é significativa para os lugares estudados, para realização de entrevistas de história oral durante do ano de 2014, já foram realizadas um total de 10 abordagens diretas e outros 07 agendamentos.

A construção de um arquivo, dentro do Centro de Memória, para guarda do acervo de documentos que estão sendo produzidos e/ou coletados junto a comunidade, entre os acervos salvaguardados estão: livros, cartilhas e revistas de época; fotografias que são escaneadas, gerando (quando as mesmas são doadas ao Centro) dois registros, um virtual e outro material; e os registros orais, que são guardados em seu formato de áudio e vídeo, e também na forma escrita, depois de feita sua transcrição.

Com as atividades e estudos desenvolvidos no âmbito do projeto é notória a ligação estabelecida entre os estudantes e a realidade por eles pesquisada. Seus olhares vão se

⁵ O artigo pode ser acessado no seguinte site:

http://www.sudeste2013.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1372613388_ARQUIVO_LugaresdeMemoriadeBomJesusdoItabapoana_FernandaRabeloeEduardoMoreira.pdf

aprimorando, e o que antes não lhes guardava nenhum valor, vão aos poucos brotando com o sentimento de familiaridade e pertencimento a este passado, que se transmuta em coletivo.

Em suas próprias palavras: “Com o projeto aprendemos a importância que esses lugares de memória têm para essas pessoas que nos ajudaram com o trabalho de campo, seria uma pena deixar isso ser esquecido pela população, com isso vemos a importância do centro de memória para a sociedade, tornando a memória de nossa cidade, e com isso sua cultura, viva” (Arthur Saboia Pains – bolsista do projeto).

“Por via do projeto, com a busca de pessoas relacionadas tanto com o Cine Teatro Monte Líbano quanto com o CTAIBB, pude perceber a importância que esses locais têm para os cidadãos da cidade. Além disso, está sendo muito interessante descobrir a história desses locais através de pessoas comuns. Afinal, a história está em cada uma delas em forma de memórias.” (Thaynara Coutinho Farolfi Ribeiro – bolsista do projeto).

"Este tempo de projeto me possibilitou conhecer um pouco da história de Bom Jesus do Itabapoana e assim me ensinou a valorizar o local onde nascemos. O projeto nos possibilitou conhecer os locais de memória e ver o quanto eles representam para uma geração." (Lucas Costa Carniello – bolsista do projeto).

Bibliografia:

BOSI, Ecleia. O tempo vivo da memória: Ensaio de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

FROCHTENGARTEN, Fernando. “A memória oral do mundo contemporâneo”. In: Estudos Avançados, v. 19, n. 55, 2005, pp. 367-376.

NORA, Pierre. “Entre a história e a memória: A problemática dos lugares”. In: Revista Projeto História, n. 10, São Paulo: Educ/PUC-SP, 1993, pp. 7-28.